

## JOGOS DE PALAVRAS E O HUMOR EM MARCIAL

Fernanda de Freitas Menna BARRETO  
Orientadora: Profa. Dra. Patricia Prata

**RESUMO:** Este artigo versa sobre parte da pesquisa que vimos desenvolvendo em nossa IC (bolsa PIBIC-CNPq). Nossa pesquisa tem como propósito analisar epigramas selecionados do escritor latino Marcos Valério Marcial (c. 38 a 41 d.C.) quanto aos recursos linguísticos presentes em sua composição que provocam o riso, bem como realizar a tradução anotada deles com o intuito de poder observar mais acuradamente tais recursos. Desse modo, este artigo traz uma apresentação do autor e de nossa pesquisa, bem como a análise de dois epigramas quanto aos jogos palavras que são postos em funcionamento para gerar o humor nesses epigramas.

**Palavras-Chave:** Estudos Clássicos; Latim; Marcial (c. 38 a 41 d.C.); Epigrama; Humor

### INTRODUÇÃO

O presente texto é parte da pesquisa de IC que vimos desenvolvendo<sup>1</sup> a qual se propõe compilar, traduzir e analisar alguns epigramas do poeta latino Marcos Valério Marcial (c. 38 a 41 d.C.). Os epigramas selecionados apresentam em sua composição recursos linguísticos que provocam o humor – como trocadilhos, antíteses, paronomásias. Antes de apresentar as análises que foram produzidas, é de extrema importância tratar brevemente da vida e obra do autor romano.

Conforme informam os manuais de literatura, Marcos Valério Marcial nasceu em BÍlbilis, pequena cidade da província Romana, às margens do rio Salão, na Península Ibérica, próxima à atual cidade de Calatayud (Zaragoza) – como o próprio autor cita em diversos epigramas.<sup>2</sup> Quanto ao ano de nascimento, ainda há dúvidas; mas, segundo Cesila (2017), os estudiosos tendem a considerar que Marcial tenha nascido em 41 d.C. A motivação se deve a dois epigramas que retratam o dia de seu nascimento e que aparecem na segunda edição de seu décimo livro que data de 98 d.C. (a primeira teria

---

<sup>1</sup> Este artigo é parte de nosso Projeto de Iniciação Científica, “Os Trocadilhos, Paronomásias e Homônimas: uma análise dos Epigramas de Marcial, orientado pela Profa. Dra. Patricia Prata e financiado pelo PIBIC-CNPq (cota 2018-2019). Uma versão prévia deste texto foi apresentada no 15º Seminário de Pesquisas em Graduação do IEL (SePeG) de 2018. Agradecemos aos arguidores Michel Mendes e Sônia Aparecida dos Santos pela discussão e dicas feitas a este trabalho.

<sup>2</sup> Segundo aponta Cesila (2017), a maioria dos dados biográficos são obtidos a partir dos epigramas do próprio autor.

ocorrido em 95 d.C.): o X.24, em que celebra seu aniversário de 57 anos, e o X.29, no qual reclama não ter recebido presentes de um amigo.

O epigramatista é famoso por ter escrito uma extensa obra de quinze livros que compilam cerca de 1.500 epigramas. Desses quinze livros, como aponta Cesila (2017, p.86), os três primeiros escritos e publicados são monotemáticos, isto é, todos os epigramas ali contidos tratam de um mesmo tema: no *Livro dos Espetáculos* (*Liber Spectaculorum* ou *Liber de Spetaculis*), o poeta retrata os jogos realizados na inauguração do Coliseu (Anfiteatro Flávio); em *Xênia* (*Xenia*) e *Apoforeta* (*Apophoreta*) descreve os presentes doados nas festividades chamadas Saturnais. Os doze livros restantes de sua coletânea são “compostos por epigramas dos mais variados temas (sobretudo os temas satíricos, em que o poeta se notabilizará)”, como afirma Cesila (2017, p. 106).<sup>3</sup>

Tal obra, por ser muito extensa e apresentar uma grande variedade temática e também métrica, revela, cada vez mais, particularidades que instigam e desafiam pesquisadores e estudiosos, o que fez com que o autor fosse considerado, e consagrado, como o grande epigramatista romano. Apesar da multiplicidade temática, como já mencionado, o tema mais explorado por Marcial é o satírico (cujo precursor foi Catulo, c. 87 a 84 a.C.), ao ponto de, nos atuais dicionários lexicais da língua portuguesa, a definição mais comum para epigrama ser: gênero literário conciso em versos de temática satírica jocosa.

## 1. NOSSA PESQUISA

Na esteira de outras pesquisas realizadas sobre o humor em Marcial, surgiu o interesse de estudar os recursos linguísticos presentes em seus epigramas que geram esse humor. Como nos três livros de temas específicos são mais comuns os epigramas de devoção e homenagens, conforme dissemos anteriormente, focamos nossa pesquisa nos demais livros, numerados, como dito em nota, nas edições modernas de I a XII, visto que a maioria dos epigramas que os compõem são poemas de cunho jocoso, principal objeto deste trabalho. Sendo assim, o propósito de nossa pesquisa de Iniciação Científica, que está desenvolvida a fim de compor a monografia de final de curso, é fazer um levantamento de alguns epigramas que apresentem tais recursos e analisar como eles são utilizados para obter o humor.

A partir de trabalhos já muito bem estabelecidos na área de clássicas, como os de Watson & Watson (2003) e de Cesila (2004, 2008 e 2017), está sendo possível identificar

---

<sup>3</sup> Nas edições modernas, ainda segundo Cesila (id., p.87), “a primeira obra é o *Livro dos Espetáculos*, seguido dos 12 livros de temática variada, numerados de I a XII; fecham a sequência as coletâneas *Xênia* e *Apoforeta* numerados como livros XIII e XIV”. Cesila levanta e discute os manuscritos e edições dos epigramas de Marcial, bem como apresenta cada um dos livros que compõem sua coleção de epigramas (p. 86ss)

como Marcial usa de alguns recursos de linguagem, como a paronomásia e os trocadilhos, para obter um humor ácido e, em muitos momentos, sem escrúpulo algum. Tais recursos podem ser definidos, como aponta Jacqueline Henry, em seu livro *La Traduction des jeux des mots* (2003), da seguinte forma:

- **Paronomásia:** “Os parônimos são os termos de pronúncia vizinha, como em *auteur/odeur* [em português, p. ex., retificação e ratificação] e *Paris/Bari* [em português, Bari e Bali]. Eles funcionam, então, como quase-homófonos” (tradução livre)<sup>4</sup>;
- **Trocadilho:** “(...)é um enunciado que contém um ou mais elementos cuja polissemia foi intencionalmente explorada por seu emissor” (tradução livre). (HENRY, 2003, pp. 24-25)<sup>5</sup>.

Apresentamos agora a análise de dois epigramas em que os recursos acima descritos estão presentes com a finalidade de levar ao riso, de gerar um humor.

## 2. ANÁLISE DOS EPIGRAMAS XII, 88 E VIII, 74

XII, 88

Tongilianus habet nasum: scio, non nego. Sed  
iam nil praeter nasum Tongilianus habet.

Tongiliano tem nariz: sei, e não nego.

Mas nada Tongiliano tem exceto seu próprio nariz.

A partir de uma leitura mais atenta do poema, podemos notar que a expressão *habet nasum* carrega dois sentidos: um conotativo e outro denotativo. Segundo aponta H.J. Isaac, que estabeleceu e traduziu o texto latino dos epigramas de Marcial da edição Les Belles Lettres, em seu comentário feito a este poema presente no terceiro volume: no primeiro verso, a expressão significa “senso crítico desenvolvido” e, no verso seguinte, “a expressão é tomada no sentido próprio”. (1934, p. 187)

Desse modo, a expressão *habet nasum* no v.1 significa, conotativamente, “possuir um forte senso crítico”, ou, como se diz metaforicamente em língua portuguesa, “ter um nariz aguçado”. Tal prática, aos olhos de Marcial, parece ser um tanto quanto peculiar e impertinente em Tongiliano. Isso se confirma pelo fato de o poeta apontar no v. 2 que

---

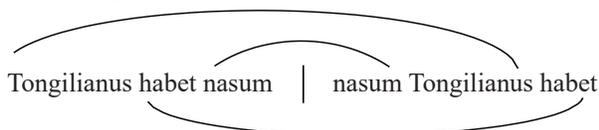
<sup>4</sup> “Os parônimos são os termos de pronúncia vizinha, como em *auteur/odeur* [em português, p. ex., retificação e ratificação] e *Paris/Bari* [em português, Bari e Bali] . Eles funcionam, então, como quase-homófonos” (tradução livre).

<sup>5</sup> “(...) é um enunciado que contém um ou mais elementos cuja polissemia foi intencionalmente explorada por seu emissor” (tradução livre).

Tongiliano, de tão crítico, se tornava muito inconveniente e chato e que, por isso, nada além de seu próprio nariz literalmente ele tinha, dando a entender que ele era ensimesmado e solitário por conta de seu senso crítico por demais aguçado.

Achamos interessante comentar também a colocação das palavras na frase. No v. 1, em que se apresenta o sentido conotativo, temos *Tongilianus habet nasum*, em que o o verbo *habeo* se encontra junto a seu objeto *nasum* formando uma expressão. No v. 2, as palavras estão dispostas de maneira diferente, como que gerando certo espelhamento: em *nasum Tongilianus habet*, a expressão é desfeita no sentido de que o verbo *habeo* está separado de *nasum*, o que desativa o sentido conotativo, e ativa, visto de outro modo, o sentido denotativo.

É também curioso o desenho gerado pelo fato de o nome *Tongilianus* estar entre o verbo e seu objeto: tal disposição de palavras cria uma imagem na qual Tongiliano parece ser envolvido, engolido por suas próprias críticas, o que ajuda a reforçar sua principal característica, que é ser egoísta, olhar apenas para seu próprio nariz, ou, como dizemos, para seu próprio umbigo. Representamos abaixo a imagem de Tongiliano, gerada pela colocação das palavras na frase, sendo ofuscado e embolado pelo sua própria chatice, evidenciando apenas seu nariz:



os termos ao mesmo tempo que desfaz a expressão *habere nasum* ao separar os termos que a compõem. Desse modo, podemos analisar a expressão *habere nasum* como sendo um trocadilho sêmico (*calembours sémique*), segundo apontamentos de Henry (2003) sobre tal tipologia. Segundo a autora, esse tipo de trocadilho, dentre muitos outros existentes, promove e explora o múltiplo sentido das palavras e expressões o que permite com que o autor e leitor joguem com a oposição entre os sentidos abstrato e concreto. Nesse sentido, é interessante citar um exemplo que a autora traz desse tipo de trocadilho, apresentado por Freud, em seu livro *Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente* ([1905] 1995):

Um médico, afastando-se do leito de uma dama enferma, diz a seu marido: 'Não gosto da aparência dela'. 'Também não gosto e já há muito tempo', apressou-se o marido em concordar. O médico referia-se obviamente ao estado da senhora, mas expressou sua preocupação quanto à paciente em palavras tais que o marido podia interpretá-las como confirmação de sua própria aversão marital. (p. 25).

No caso narrado pelo psicanalista, segundo Henry, está sendo explorada a polissemia da palavra "aparência". Já quando passamos a observar o duplo sentido da expressão

*habere nasum* presente no epigrama de Marcial, notamos que ele ocorre devido à quebra da ordem natural da locução. Logo, o trocadilho sêmico que se apresenta no poema é gerado pela alteração da ordem da expressão, já mencionada anteriormente.

Tal expressão e o jogo de palavras posto em funcionamento por meio de sua repetição e desmembramento dos termos pode ser explicado também através dos comentários de Lausberg, em sua obra *Elementos da Retórica* ([1967] 2011), sobre as figuras de repetição. O autor demonstra que “a repetição do igual é a colocação repetida, dentro do discurso, de uma parte frásica que já fora empregada” (p. 166). O linguista aponta, ainda, que quando há essa repetição, mas a organização original da frase ou do conjunto de palavras não se mantém – ocorrendo o desmembramento dos vocábulos que formam a expressão – obtêm-se novos significados dessa locução, já que a segregação das partes de frase está diretamente relacionada aos significados das palavras (p.178).

À luz dessas premissas, pudemos chegar a certas conclusões em relação à polissemia presente no epigrama XII, 88. De acordo com o comentário de Lausberg (2011), quando uma palavra ou expressão é repetida no texto em uma diferente disposição daquela usual, um outro significado é acionado. Dessa forma, a expressão *habere nasum* no v. 1 e seu abrandamento, ou seja, a alocação dos termos em nova ordem no v. 2, implica na alteração de seu significado usual e, conseqüentemente, na ativação de um outro sentido.

Como vemos, o epigramatista provoca o humor quando joga com os dois significados da expressão. Os argumentos usados por Lausberg corroboram o entendimento de que a provocação do humor vem da existência da ambigüidade, da possibilidade da ativação de outros sentidos, assim como as considerações feitas por Henry apreciadas anteriormente.

Desse modo, observamos que o epigrama XII, 88 brinca com o sentido próprio da expressão *habere nasum* e, igualmente, com o seu sentido figurado para obter o humor. Esses dois sentidos são ativados quando a expressão é desfeita por meio da disposição diferente das palavras na frase, o que gera um desenho bem sugestivo para a interpretação e para o humor, como analisamos acima.

VIII, 74

***Oplomachus nunc es, fueras ophthalmicus ante.***

*Fecist medicus quod facis oplomachus.* (grifos nossos)

Agora você é gladiador, antes era oculista.

O gladiador faz o que fez o oculista.

Nesse epigrama, é possível notar a comicidade, no uso dos vocábulos parônimos *ophthalmicus* e *oplomachus*. Cesila (2017) aponta que a semelhança sonora entre os dois sintagmas exprime, também, a semelhança de atitude do interlocutor da voz poética:

quando médico (*ophthalmicus*), ele, provavelmente pelas cirurgias ou tipos de tratamentos, desfigurava e matava seus pacientes; agora, como um gladiador (*oplomachus*), também mata pessoas em batalha.

Para a elucidação do fenômeno paronomástico em jogo, Lausberg demonstra que

A paronomásia é um jogo de palavras respeitante à significação da palavra, o qual surge devido à alteração de uma parte do corpo de palavra, processo no qual frequentemente corresponde a uma alteração, quase imperceptível, do corpo de palavra (que provoca estranhamento) [...]. A alteração inorgânica do corpo de palavra cria entre o corpo de palavra primitivo e o corpo da palavra alterado uma ligação (pseudo-) etimológica, na medida em que, entre dois corpos de palavra e suas significações, é constatado um parentesco, ao mesmo tempo em que uma diferença. (LAUSBERG, [1967] 2011, p. 179).

Diante dessa definição, é importante destacar a observação de Lausberg sobre a paronomásia envolver uma relação de pseudo-etimologia entre as palavras, pois o termo latino para oculista é *ocularius*, porém, para que o jogo de palavras fosse estabelecido no epigrama, Marcial preferiu usar o termo *ophthalmicus*, que vem do grego ὀφθαλμικός, para contrastá-lo com seu parônimo *oplomachus* (WATSON & WATSON, 2003, p. 289).<sup>6</sup> A semelhança entre os vocábulos estabelece, simultaneamente, uma disparidade e uma igualdade entre as palavras latinas em questão: ambas se aproximam sonoramente e se diferem na significação, e, ainda que sejam termos que façam referência ao mesmo campo semântico (profissões), representam ocupações totalmente distintas: a atividade médica de um oculista é o tratamento dos olhos,<sup>7</sup> já a de um gladiador, pelo contrário, é o de ferir, desfigurar. No entanto, quando Marcial afirma que a *persona* poética desse epigrama age do mesmo modo sendo oculista ou gladiador há uma quebra nessa oposição dos sentidos, nessa “convencionalidade” – espera-se que o oculista não aja como um gladiador –, recorrendo ao termo proposto por Tagnin (2005) dos sentidos, o que induz ao humor.

Segundo a estudiosa, que usa como argumento a teoria da incongruência do humor,<sup>8</sup> o cômico se dá no momento em que existe uma incongruência, isto é uma divergência entre o que é esperado pelo interlocutor e o que de fato acontece. Nas palavras dela, “se entendermos ‘aquilo que é esperado’ como o convencional na pode ser obtido através da quebra da convencionalidade” (p. 247).

Podemos ver, desse modo, esse humor como produto de uma equação inesperada. Henri Bergson, em seu livro *O Riso: ensaio sobre a significação do cômico*, discute essa questão do risível como resultado do transvio de atitudes humanas: “exprime [o riso], pois, uma imperfeição individual ou coletiva que exige imediata correção. O riso é essa própria correção. O riso é certo gesto social, que ressalta e reprime certo desvio especial

---

<sup>6</sup> É também digno de nota o fato de Marcial não ter repetido o termo *ophthalmicus*, como o faz com *oplomachus*, mas sim o ter substituído por *medicus*.

<sup>7</sup> Por exemplo, cirurgias para remoção de cataratas eram bem comuns (WATSON & WATSON, 2003).

<sup>8</sup> A que defende que o riso das pessoas vem a partir daquilo que não condiz com seus esquemas prévios: “algumas vezes, nós percebemos ou imaginamos coisas e/ou eventos de forma diferente do nosso padrão mental” (TABACARU, 2015, p.120).

dos homens e dos acontecimentos”. ([1940] 1983, p. 42). Seguindo Bergson, podemos considerar que o riso em Marcial é provocado por esse desvio, já que não se espera que um oculista tenha uma postura tão violenta quanto àquela existente na profissão do gladiador. Joga-se aqui com a postura errônea de certos médicos, a qual leva, segundo Bergson, a certa correção que causa o riso: ele ocorre pelo fato da repreensão desse desvio da postura desse médico que agia como um gladiador.

Outro ponto para se observar em relação à construção desse epigrama é o uso de vocábulos que, se não antitéticos, estabelecem uma relação de oposição, contraste, como a relação temporal passado-presente: no verso 1 *nunc* (“agora”) se opõe a *ante* (“antes”), *es* (“é”, no presente) se contrasta a *fuera* (“era”, pretérito-mais-que-perfeito); no verso 2 *fecisti* (“fez”, pretérito perfeito) confronta *facis* (“faz”, presente) e *medicus* (“médico”) é contrário a *oplomachus* (“gladiador”) (CESILA, 2017). O contraste estabelecido por tais termos ajuda a criar a quebra de “convencionalidade” citada anteriormente. Tais contrastes reforçam a diferença, a oposição entre as ocupações do médico e do gladiador, bem como promovem estranhamente sua aproximação pelo destaque que acaba sendo dado ao desvio de conduta da *persona* poética, seguindo o raciocínio de Bergson ([1940] 1983).

Destacamos, por fim, seguindo Cesila (2017), o quiasmo que encontramos no primeiro verso do epigrama:

*Oplomachus nunc es,                      fuera ophthalmicus ante*  
A                      B                      B                      A

Tal figura de linguagem torna especiosa a construção da frase, uma vez que destaca, no início e final do verso, os vocábulos parônimos que são o mote do poema e que põem em funcionamento o humor no epigrama - os substantivos *oplomachus* e *ophthalmicus* - e aproxima o contraste temporal passado-presente pelo avizinhamo das formas verbais *es/fuera*. Tal recurso poético torna ainda mais expressiva a comparação antitética das duas profissões enunciadas por meio de nomes parônimos e das temporalidade que ativa o choque de sentidos (parecido/diferente; semelhante/igual), para gerar humor.

Ainda torna-se interessante comentar as práticas profissionais dos atuantes no epigrama VII, 74 (oculista e gladiador). Podemos ressaltar, por exemplo, o comentário que Propp faz em seu livro *Comicidade e Riso*: “vê-se que o modo de ridicularizar as profissões não se diferencia em princípio da ridicularização de outros aspectos quaisquer da vida humana” ([1976] 1992, p. 83). Considerando essa satirização e ironização das práticas humanas nos epigramas analisados, vimos que em XII, 88 o poeta tira sarro de uma característica humana (egoísmo), já no seguinte (VIII, 74) ele prefere jogar com as profissões e suas convenções (médicos e gladiadores). Essa observação indica que,

independentemente da temática explorada, Marcial se destaca pelo uso que faz do deboche, seja ele sobre uma atitude ou sobre uma ocupação profissional.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo que não tenhamos discutido mais que dois poemas de Marcial neste artigo, por essa pequena amostra, é possível perceber que o poeta do século II não economiza mecanismos para ativar o riso do leitor. Através das análises notamos que são inúmeros e variados os gatilhos presentes em sua obra para a produção do riso e que não há meios de classificar de maneira uniforme tais recursos, já que em um único epigrama podem aparecer diferentes figuras de linguagem. Percebermos a diversidade de mecanismos, de jogos de palavras que ativam o cômico nesses poemas.

E além: o epigramatista, ao recorrer a esses mecanismos linguísticos com tanta eficiência – no que diz respeito à promoção do risível –, transforma um humor meramente ridículo em uma comicidade complexa, marcada com um tom de zombaria, mas repleta de artifícios linguísticos que enobrecem esse tipo de humor debochado. Então, a partir dessa conjuntura, fica clara a fama do escritor: seu humor não é raso, já que ele, de certa forma, toca em várias camadas interpretativas, o que faz dele um grande mestre da literatura satírico-jocosa de sua época.

---

### REFERÊNCIAS

- BERGSON, H. ([1940] 1983). *O Riso: ensaio sobre a significação do cômico*. Presses Universitaires de France, Paris.
- CESILA, R. T. (2017). *Epigrama: Catulo e Marcial*. Editora da Unicamp, Campinas, SP; Editora da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR.
- FREUD, S. ([1905] 1955). Os chistes e sua relação com o inconsciente. In: *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. Vol. VII. Imago, Rio de Janeiro, RJ.
- HENRY, J. (2003). *La traduction des jeux des mots*. Presses Sorbonne Nouvelle, Sartrouville.
- LAUSBERG, H. ([1967] 2011). *Elementos de Retórica Literária*. Fundação Clouste Gulbenkian, Lisboa.
- MARCIAL. *Epigramas*. [2000 (vols. I e II); 2001 (vol. III); 2004 (vol. IV)]. trad. Delfim Ferreira Leão, Paulo Sérgio Ferreira e José Luís Brandão. Edições 70, Lisboa.
- MARCIAL. *Epigrammata*. (1987). *Recognouit breuique adnotatione critica instruxit* W. M. Lindsay. Clarendon Press, Oxford.
- MARCIAL. *Épigrammes*. [1930 (vol. I); 1933 (vol. II, parte II); 1961 (vol. II, parte I, 2 ed.)]. Texto estabelecido e traduzido por H. J. Izaac. Les Belles Lettres, Paris.

- MARCIAL. Epigrams. (1993). Edited and translated by D. R. Shackleton Bailey. Harvard University Press, Cambridge.
- O. TAGNIN, S. E. (jan-jun. 2005). O Humor como Quebra da Convencionalidade. Revista Brasileira de Linguística Aplicada. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG. vol. 5, n. 1, pp. 247-257.
- PROPP, V. ([1976] 1992). Comicidade e Riso. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. Ática, São Paulo, SP.
- TABACARU, S. (dez. 2015). Uma visão geral das Teorias do Humor: aplicação da Incongruência e da Superioridade ao sarcasmo. Trad. Douglas Rabelo de Sousa, Maria Gabriela Rodrigues de Castro, Winola Weiss Pires Cunha, Filipe Mantovani Ferreira. EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação. n. 9, p. 115-136. Ilhéus, RJ,
- WATSON, L.; WATSON, P. (2003). Martial: Select Epigrams. Cambridge University Press, Cambridge.